

Na areia como se fosse areia: notas em torno da poesia de Alberto Pucheu

Flavia Trocoli

(no lançamento do livro na Faculdade de Letras da UFRJ)

Depois de um dia de relatório, onde talvez não precisasse dizer que houve surpresa no fato de que eu, toda dedicada à prosa, tenha me visto chamada a escrever sobre a poesia de Simone Brantes, de Ana C., de Stela do Patrocínio, de Alberto Pucheu. A poesia, estranha e íntima, de Alberto Pucheu, ao lado de Roberto Corrêa dos Santos e Eduardo Coelho, nesse não-todo, no fim de tarde de domingo, que talvez fosse azul não houvesse tantos desejos, como uma barata surgiu do fundo do armário, do fundo da gaveta, surge o caderninho de notas do Colóquio *Rastros do impensado*, abro, são poucos os nomes próprios, entre as notas da conferência do Pucheu, encontro uma anotação minha:

“Sobre pedra não se edifica nada. Sobre areia, tudo. É nosso dever edificar como se areia fosse pedra.”

Evangelhos apócrifos, Jorge Luis Borges. Não há parênteses. Impossível recuperar a associação feita há um ano atrás. Mas imediatamente me ocorre que a modernidade de Borges permitia edificar na areia como se pedra fosse. No meio do caminho, a educação pela pedra. Agora, o contemporâneo de Pucheu talvez já não nos permita mais a pedra, como se pedra fosse, de tão fatigadas, as retinas não vêem a areia, só pisam areia. E na areia, como se o papel areia fosse (na capa um nome próprio apagado!), testemunham através de três procedimentos poéticos: o quiasma, a espera, a repetição. O cruzamento e a troca de atributos, a repetição como espera do poema. Escutemos.

“A testemunha”, eis uma palavra no feminino. No feminino, a experiência, sempre única, de estar só e invisível diante da lei. Não um homem diante de um porteiro, diante de um interior. Mas um homem no interior, que, neste caso, poderia se chamar também Vale do Socavão.

Palavra no feminino é aquela que diz se diz em voz de homem, que grita “é guerra por lá, é guerra declarada por aqui, o crápula criminoso do presidente da câmara declara guerra à presidenta da república”. Aquela que inventou uma voz que disse que o horror sou eu diante das coisas, quis ter inventado também o direito ao grito. Ela não sabe gritar. E, mesmo que grite, ninguém escuta. “A inequívoca impotência de todos.” Na despedida, ela recita um poema de Maiakovski.

Em um só golpe. E “tudo está para fora dos eixos”, diz Piero Eyben, na capital da República depois do príncipe dinarmaquês. Lá onde a carne do sepultamento, sem luto, fora servida nas bodas dos traidores. Tempo de urgência.

À poesia, não se pode conceder nenhum desejo de poder. Ela vai contra ele, a guerra se faz em seus quiasmas. O Estado é terrorista, o capital é terrorista, mas em um só golpe, cruzamentos! e aqueles que passam a terroristas são os transexuais, as mulheres, os índios, os bebês, os desabrigados, os destroçados, os sobreviventes. A eles, nenhum desejo de poder. Ele é a lama de Mariana, o champanhe dos civilizados na sala de jantar, o olhar que invisibiliza do juiz.

No meu caderninho de notas, leio também: “Espera sem nome. Acatar a falta de uma língua para o poema.” Roubo do Pucheu para ler o Pucheu. Ao ler, ressoa a sala de aula, quando lado a lado, era Kafka a nossa companhia, lá onde as sereias silenciaram, Pucheu era Sancho Pança e conferia o último encanto ao gaguejar, ao balbucio, ao grito. Incluiria nesse encanto ou nesse contracanto que se gagueja a repetição que escuto nos poemas de Alberto Pucheu. Um homem rente ao chão para melhor escutar a palavra que tocava a terra. E agora, lá em Brasília, toca a guerra.

Chamar o poema de uma espera sem nome e acatar a falta de uma língua para ele: seria, enfim, o próprio gesto que a poesia de Pucheu inscreve. O poema espera em nota de Diário. Embora na forma já o seja.

Diário, cena 1: da amizade:

o peito se arrastando em direção
a amigos e estranhos que,

na partilha do coração em dor, deixam-na amenizar um pouco
ao facilitarem o quanto podem
sua fuga pelo meio caminho
(p.89)

Ora, é o poema que, em ato, ainda em estado de diário, abre uma veia, um duto para escoar um pouco da dor.

Ir para fora: apagar o nome em eu. De dentro para fora a pedra do Sertão, a dor, os dentes, o poema. Como o Pucheu que não dorme, mas sonha, essa espera. Talvez ele, o poema, venha com ele depois. Ele sempre chega depois. Para permitir a vida. Seria assim que meu sonho responderia ao sonho com D. Nobrinha. Em um outro domingo, nas proximidades da casa de Clarice, de frente para os ondas que quebram nas pedras do Leme, todas elas sobre a areia: isso foi escutado.

Como que levados por uma rajada de vento.

Isto corresponde aos burburinhos que me chegam (p.129)

De cor -

Lembro-me aqui de um verso

De Antonio Carlos Secchin, lido há muito tempo

E citado agora de memória:

“a que distância um nome deixa de doer?”

À distância de um poema.